

A tradução de expressões idiomáticas em tirinhas da *Mafalda*: no es oro todo lo que reluce / The translation of idioms in *Mafalda's comic strips*: no es oro todo lo que reluce

*Bruna Camila Trombini Schneider**

*Maria José Laiño***

RESUMO

Ao se deparar com um desafio tradutório, o(a) tradutor(a) deveria considerar que está diante de dois contextos, linguístico e cultural, distintos e que essas diferenças podem implicar desafios tradutórios que exijam que opte entre adequar os elementos culturais à língua de chegada ou priorizar a letra/estrutura da língua de partida. Nesse contexto, os gêneros textuais/discursivos estão imbuídos de elementos culturais, já que são frutos de um acordo social e, portanto, devem satisfazer a comunicação daquela sociedade em que circulam. Ainda, as expressões idiomáticas (EIs) também exemplificam como língua e cultura são indissociáveis, pois se constroem a partir de elementos culturais e nem sempre permitem uma tradução ao pé da letra, pois desta forma o sentido pode ser outro. A fim de investigar a tradução das EIs, este artigo objetiva verificar como os elementos culturais presentes em EIs encontradas nas tirinhas da obra do cartunista argentino Quino, *Toda Mafalda* (2013), foram traduzidos ao português. Como aporte teórico, temos as discussões de Marcuschi (2010), Bakhtin (2010), Ramos (2007), Costa-Hübes (2011) e Mendonça (2010) para então, a partir do recorte de 5 tirinhas e suas traduções para o português, discutir os elementos encontrados a luz da teoria de Nord (2010). Os resultados encontrados apontam que, quando alia-se língua a elementos culturais, a tradução se torna uma ferramenta determinante para ser abordada em sala de aula, explorando-a como uma prática pedagógica e de auxílio ao ensino de línguas estrangeiras.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução; Tirinhas; *Mafalda*; Expressões Idiomáticas; Tradução pedagógica.

ABSTRACT

*When the translator faces a challenge in a translation task, s/he should consider a connection to linguistic and cultural contexts. These differences may imply translation challenges that demand him/her to choose between adapting cultural elements to the target language or prioritizing the source language letter/structure. In this context, (speech) genres are imbued with cultural elements, since they come from a social agreement and, therefore, must satisfy the communication for the society in which they exist. Moreover, idioms also illustrate how language and culture are inseparable, because they are construed from cultural elements and do not always allow a literal translation, considering that the meaning may be different. In order to investigate the translation of idioms, this article aims to verify how the cultural elements present in idioms found in the comic strips of the Argentine cartoonist Quino, *Toda Mafalda* (2013), have been translated into Portuguese. As for the theoretical support, contributions from Marcuschi (2010), Bakhtin (2010), Ramos (2007), Costa-Hübes (2011), and Mendonça (2010) were used. With that, five comic strips and their respective translations into Portuguese were analysed to discuss elements found according to Nord's theory (2010). The results show that when language is associated with cultural elements, translation becomes a determining tool to be approached in the classroom in order to be explored as a pedagogical practice and to assist foreign language teaching.*

KEYWORDS: Translation; Comic Strips; *Mafalda*; Idioms; Pedagogical Translation.

* Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa. Professora Substituta do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC. Chapecó, Santa Catarina, Brasil. brunatrombini126@gmail.com.

** Doutora em Estudos da Tradução. Professora Adjunta da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Chapecó, Santa Catarina, Brasil. lainoreales@gmail.com.

1 Introdução

As expressões idiomáticas (doravante EIs), frases carregadas de sentido conotativo e metafórico aliados à culturalidade de uma região ou país, podem ser encontradas em diversas situações de nosso cotidiano. “Cada macaco no seu galho” e “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura” são EIs comuns na linguagem de um falante do Português Brasileiro, bem como o sentido por trás delas: a primeira não está se referindo a macacos em árvores, mas sim utiliza a simbologia para retratar, em determinados casos, que cada um deve cuidar de sua vida ou de seus afazeres; a segunda retrata a persistência de um indivíduo perante um obstáculo ou uma dificuldade, e não o processo ou a proposta de utilizar a água para furar uma pedra. Percebemos, sem dificuldade estas possibilidades de interpretação porque, como brasileiros, conhecemos seu significado metafórico e o contexto de utilização de cada uma através da inserção e uso de tal linguagem. Ou seja, as EIs carregam, através de seus elementos linguísticos, aspectos semânticos que dependem dos elementos culturais para concretizar seu significado, sendo que todas as línguas estão imbuídas de elementos culturais.

Todas as línguas fazem uso de EIs e, a partir delas, apresenta elementos culturais muitos importantes para a comunicação e para a interação social entre os interlocutores. Assim como na língua materna, a língua estrangeira (LE), também apresenta, através do uso das EIs, elementos culturais muito importantes para a comunicação e para a interação social entre os interlocutores. Se traduzirmos a EI anteriormente mencionada – “Cada macaco no seu galho” - de forma literal à língua espanhola, língua em análise neste trabalho, sem uma reflexão necessária – “*Cada mono en su rama*” - provavelmente não atingiremos a adequação cultural, semântica e comunicativa equivalente à expressão da língua portuguesa. As EI estão diretamente ligadas a seu entorno cultural, e uma tradução literal, *ipsis litteris*, na maioria das vezes não atingirá o sentido total da expressão, já que as palavras que formam uma EI estão conectadas entre si, dependendo uma da outra, formando um bloco de sentidos. Através de pesquisa e reflexão, podemos buscar e encontrar uma alternativa de tradução funcionalista ao

espanhol que satisfaz o campo semântico. Dessa forma, a EI “*Cada oveja con su pareja*” supre as lacunas de tradução e se torna equivalente em seu nível funcional.

A partir desse contexto, este artigo tem como objetivo verificar como os elementos culturais presentes em expressões idiomáticas das tirinhas da obra do cartunista argentino Quino, *Toda Mafalda* (2013), foram traduzidos à língua portuguesa. Como critério metodológico coletamos todas as tirinhas com alguma EI da obra na Língua de Partida (LP). Através da tradução da EI para a Língua de Chegada (LC), e levando em consideração alguns aspectos, como: (i) o contexto cultural que envolve e tematiza as tirinhas a partir das EI; (ii) a presença de elementos característicos do gênero textual/discursivo em questão; (iii) o humor e/ou a ironia; (iv) a interação com o leitor, presente nas tiras e ampliadas através da ótica da tradução funcionalista, selecionamos 5 tirinhas para uma análise tradutória, apresentadas neste trabalho.

A partir das EIs presentes na obra argentina e traduzidas para a versão brasileira, os elementos culturais que permeiam o gênero textual/discursivo tirinha, o seu contexto, o país de circulação e, principalmente, a tradução à língua portuguesa tornam-se elementos-chave de análise e são levados em consideração na discussão dos dados encontrados. Por meio da teoria de tradução funcionalista abordada por Nord (2010a), nos propomos a realizar tal análise formulando a seguinte hipótese: as traduções das EI encontradas nas tirinhas analisadas foram efetuadas de maneira funcional, o que torna o material rico para ser trabalhado em sala de aula de LE, já que os elementos culturais podem ser abordados na mesma importância que os elementos estritamente linguísticos.

Outro ponto abordado neste trabalho é a reflexão sobre o conceito de tradução. Quando pensamos em tradução logo nos vem à mente a premissa de que traduzir é transmitir de uma língua para a outra códigos de sistemas linguísticos diferentes: de uma LP a uma LC. No processo tradutório, além de dois sistemas linguísticos distintos existe a necessidade de compreender da mesma forma o funcionamento de dois sistemas culturais diferentes (NORD, 2016). A diferença entre esses dois contextos culturais é ainda mais evidenciada quando ocorre o uso de EI dentro das tirinhas da *Mafalda*, neste caso específico, que apresenta elementos importantes da cultura de uma sociedade através da representação de contextos do cotidiano.

Para abarcar a discussão teórica deste trabalho, temos como base os pressupostos linguísticos de Marcuschi (2010) e Bakhtin (2010) dando suporte ao conceito de língua aqui abordado, além da visão sobre o uso dos gêneros textuais/discursivos. Ramos (2007), Costa-Hübes (2011) e Mendonça (2010) contribuem no que diz respeito às EIs e Nord (2010b) dá suporte para o debate dos resultados encontrados, levando em consideração a estrutura do gênero em questão e as diferenças tradutórias, com foco na discussão da importância dos elementos culturais presentes nas EIs.

2 Gêneros Textuais/Discursivos: os alicerces teóricos de Marcuschi e Bakhtin

Os gêneros textuais/discursivos estão presentes nos mais variados ambientes de nosso dia a dia. Quando recebemos um panfleto na rua, vemos uma publicidade na televisão, lemos o jornal do dia ou nosso livro preferido, entre várias outras situações, colocamos em prática a funcionalidade comunicativa ao estabelecer sentido através dos mais variados gêneros textuais/discursivos.

Para Bakhtin (2010), quando nos comunicamos, de forma oral ou escrita, nossos enunciados “[...] refletem as condições específicas pela temática e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2010, p. 261). Além deste conceito inicial, Marcuschi (2010) aponta que os gêneros textuais/discursivos estão ligados à vida cultural e social da sociedade contribuindo com a ordem e estabilidade das atividades comunicativas cotidianas. Ademais a isso, eles se caracterizam muito mais que por suas funções linguísticas e estruturais: as funções comunicativa, cognitiva e institucional destacam-se porque situam-se e integram-se nas culturas em que se enraízam (MARCUSCHI, 2010).

Os dois conceitos ambivalentes recém vistos apontam que, de acordo com a temática escolhida pelo falante, a linguagem se adequa formando modelos de texto e a comunicação acontece, em outras palavras, a partir dos diferentes gêneros textuais/discursivos, sendo que estes têm suas estruturas relativamente estáveis e são adaptados a partir de seu uso. Isto quer dizer que, ainda que os gêneros

textuais/discursivos tenham as suas formas pré-definidas, há liberdade para inovações, tanto linguísticas como estruturais, que recebem interferências externas para além da língua formal: “[...] sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, composição e função” (MARCUSCHI, 2010, p. 24).

Dessa forma, podemos perceber que os gêneros textuais/discursivos nunca estão cristalizados em suas formas e funções e podem ser mobilizados em tarefas para as quais não foram originalmente criados com o propósito de interagir com os diversos interlocutores que trocam informações em um processo comunicativo. Nessas mudanças de função, os gêneros textuais/discursivos também mudam de forma, às vezes, o suficiente para que um novo gênero seja reconhecido e assuma um novo uso. É o caso do gênero textual/discursivo Histórias em Quadrinhos (doravante HQs), em que a forma relativamente estável dos gêneros textuais/discursivos, em contato interativo com os interlocutores e com o uso da língua, permitiu que se criassem uma constelação de outros gêneros textuais/discursivos a partir de um inicial, usando de características semelhantes, como as HQs, apontados na sequência deste artigo.

2.1 Da História em Quadrinho à tirinha: os personagens de *Mafalda* em foco

As HQs surgiram no final do século XIX, no contexto histórico da revolução industrial, através da circulação dos jornais caracterizando-se por ser um gênero textual/discursivo de fácil identificação e compreensão, e que se realiza no meio escrito através de quadrinhos, buscando reproduzir a fala, geralmente de conversas informais (COSTA-HÜBES, 2011). Com a presença constante de interjeições, reduções vocabulares, ilustrações e com assuntos do cotidiano, as HQs correspondem a uma sequência narrativa, tornando-se assim, um gênero que pode comportar elementos de humor e ironia, por exemplo (MENDONÇA, 2010).

Além disso, a combinação entre a linguagem verbal e não verbal conquistaram leitores pela economia de texto e comunicação rápida, interagindo com o leitor de forma divertida, já que é a imaginação do leitor que move as figuras. Os balões característicos,

a presença de onomatopeias, elipses, entre outros elementos presentes nas HQs, contribuíram na plasticidade do texto, bem como configuraram as características essenciais do texto: interação do texto com o leitor e a criatividade no uso da combinação imagem/elementos verbais (COSTA, 2009).

Representante da modificação e da evolução cultural, além da adaptação que os diferentes gêneros textuais/discursivos estão sujeitos (já apontados por Marcuschi e Bakhtin), o gênero HQ ramificou seu estilo para a caricatura, a charge, o *cartum* e as tirinhas, sendo esses gêneros portadores de características semelhantes e que comportam o uso de quadrinhos, o uso da linguagem informal e cotidiana, além da presença ou ausência de balões para as falas, entre outros (MENDONÇA, 2010).

As tirinhas, gênero textual/discursivo em foco nesta pesquisa, assim como afirma Mendonça (2010), além de derivar das HQ, possuem mais elementos que as definem, de forma relativa: elas são mais curtas que as HQs, compondo-se em média de quatro quadrinhos, e podem ser sequenciais - capítulos de narrativas maiores, - ou fechadas - um episódio por dia. Dentro da categoria de tiras fechadas existe a divisão em dois subgrupos: as tiras piada, em que o humor está em foco através de uma dupla interpretação, por exemplo, e as tiras episódio, em que o humor ocorre a partir do desenvolvimento da temática de determinada situação.

Podemos perceber as características do gênero textual/discursivo tirinha, como a estrutura e os elementos de humor e ironia, no trabalho do cartunista Joaquín Salvador Lavado, mais conhecido como Quino, através das personagens de *Mafalda*, escrita e publicada entre as décadas de 1960 e 1970 na Argentina. A personagem principal, e que leva o nome da obra de Quino, Mafalda, é uma menina de 6 anos que se manifesta sempre inquieta com a trajetória do ser humano e a paz no mundo, utilizando uma linguagem bastante madura e propondo reflexões que não se esperam que partam de uma criança.

Publicada em um contexto de pós Guerra Fria, as tirinhas apresentam discussões sobre questões econômicas e sociais de seu país de origem, além de inovações tecnológicas, como o uso do rádio, a popularidade e acesso a TV e aos carros, por exemplo, tendo como pano de fundo o cotidiano de uma turma de crianças e alguns adultos que estão inseridos nesse contexto. Além de Mafalda, compõem as tirinhas os

personagens Felipe, Manolito, Susanita, Miguelito, Libertad, Guille e os pais de Mafalda, além de participações de personagens que simbolizam a sociedade em geral.

Na Tirinha 1 (Fig. 1) os personagens Mafalda e Felipe travam uma discussão com respeito ao brinquedo ioiô (yó-yó em espanhol).

Figura 1: Tirinha 1 - Mafalda em espanhol – *el yó-yó*



Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição argentina, 2013, p. 12.

Na tirinha, Mafalda pergunta à Felipe o que tinha na mão, já que nunca havia visto aquele objeto antes e Felipe responde que é um ioiô. A confusão já começa na primeira resposta, pois o nome do brinquedo em espanhol – *yó-yó* – se pronuncia da mesma forma que a primeira pessoa do singular também na língua espanhola – *yo*. Portanto, ela entende dessa forma e responde usando a segunda pessoa do singular usado na Argentina – *vos-vos*?¹, já que havia entendido que era a primeira pessoa do singular duplicada. Felipe frisa que o nome do brinquedo é um ioiô, explicando que não se trata da primeira pessoa do singular (não é eu), mas não resolve o problema de compreensão da Mafalda. Na tentativa de explicar novamente, Felipe é chamado de egocêntrico por sua amiga.

Na versão em língua portuguesa (Fig. 2) houve a necessidade de esclarecer esse jogo linguístico, que aparece somente na versão em língua espanhola com uma nota de rodapé, *em espanhol: *yo-yo* = *eu-eu*, como forma de explicar ao leitor a razão do

¹ Trata-se de um pronome de tratamento informal usado para falar diretamente com uma pessoa. Este pronome é usado somente no espanhol da América Latina. Em português poderíamos traduzir para tu ou você, dependendo da região e do contexto situacional.

desentendimento entre os personagens, a fim de que o leitor brasileiro perceba o humor da tirinha.

Figura 2: Tirinha 2 - Mafalda em português – o ioiô.



Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição brasileira, 2006, p. 12.

Apesar de podermos analisar a tirinha a partir de um enfoque linguístico, podemos perceber que este gênero textual/discursivo está vinculado, em grande medida, a elementos externos ao seu meio de circulação. A ironia e o humor, os balões indicativos e a reprodução da fala cotidiana são elementos-chave que se desenvolvem no gênero textual/discursivo em destaque, dando margem a inferências externas à tipologia textual já que existe uma interação com o leitor da tirinha através de uma nota de rodapé (RAMOS, 2007).

Tais aportes elencam possibilidades de análises para além de questões linguísticas e gramaticais que uma determinada língua possui, como os infinitos elementos culturais, por exemplo, presentes nas tirinhas apresentadas anteriormente, mas que somente um leitor que possui algum conhecimento (extra)linguístico e cultural da língua espanhola poderia perceber traços humorísticos verificados através da conversa entre os dois personagens.

A tirinha 3 (Fig. 3) também é um exemplo que apresenta a estrutura deste gênero textual/discursivo envolvendo elementos culturais. Nessa tirinha, a personagem Mafalda está lendo a lista telefônica e se depara com a presença de inúmeros sobrenomes *Pérez*. A exclamação da menina se faz de acordo com a grande quantidade de referências

telefônicas para pessoas com esse sobrenome, além de comparar com a quantidade de chineses no mundo.

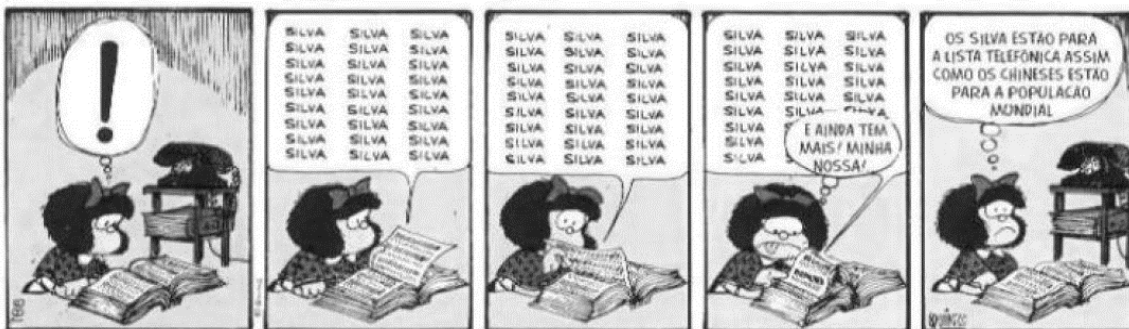
Figura 3: Tirinha 3 - Mafalda em espanhol – apellido Pérez.



Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição argentina, 2013, p. 279.

Conhecendo a cultura do país em que esta tirinha está inserida, a Argentina, podemos perceber que *Pérez* é um sobrenome muito comum e bastante presente nesta sociedade, tornando-se assim um elemento cultural marcador deste país e/ou de sua população. Na versão brasileira (Fig. 4), podemos perceber que o sobrenome *Pérez* não teria o mesmo efeito que teve na tirinha da LP, sendo substituído pelo sobrenome *Silva*, comum no país brasileiro, concluindo assim que sobrenomes são elementos culturais marcadores de um determinado país e sua diversificada cultura.

Figura 4: Tirinha 4 - Mafalda em português – sobrenome Silva.



Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição brasileira, 2006, p. 170.

3 Aspectos culturais e as Expressões Idiomáticas

Através dos exemplos apresentados na seção anterior e, como aponta Stuart Hall (2006), os elementos e aspectos culturais estão vinculados e embutidos nas mais diversas línguas. Podemos perceber que elementos de culturalidade estão presentes, através do uso das línguas, nos mais variados gêneros textuais/discursivos, bem como o seu uso na linguagem cotidiana, item característico do gênero textual/discursivo tirinha. Para Hall (2006), falar em uma determinada língua não significa apenas expressar pensamentos e sentimentos, também significa ativar as possibilidades de sentidos que transpassam a barreira linguística e refletem os sistemas culturais. Em outras palavras, a cultura se apresenta na língua e perpassa elementos apenas comunicativos: a comunicação é o transporte que apresenta costumes, ideias e ideologias, entre outros.

Para Nord (1993) à luz de Laiño (2010), além dos estudos produzidos por Hatje-Faggion (2011) e Alvarez (2011), cultura é o conjunto de comportamentos de um grupo, conceito que se aproxima da visão da antropologia, sendo que cada conjunto possui seus hábitos que se diferem de outras comunidades. Ou seja, cultura envolve a história de um povo, seu modo de pensar e agir, tudo aquilo que vive no dia a dia ou que executou no decorrer dos anos, seus hábitos, suas crenças, sua religiosidade e como se relaciona com outras comunidades.

Hatje-Faggion (2011) aponta que elementos culturalmente marcados pela linguagem são aqueles que podem ser reconhecidos textualmente pelo leitor de uma cultura em evidência em determinado gênero textual/discurso. Todavia, ao analisarmos um determinado gênero a partir de uma tradução, a função e conotação de um texto base podem gerar problemas de entendimento e de comunicação quando estes forem transpassados a um texto meta, ou seja, de uma língua para outra. Estes problemas ocorrem em virtude de existirem fatores que podem ser diferentes no sistema cultural de leitores de outras línguas, além de tais elementos marcantes só existirem quando postos em um contexto de diferenciação (AUBERT, 2006).

Um grande exemplo de elementos culturalmente marcados são as EIs, marcas de identificação social que transportam fragmentos históricos de uma língua, da sua

cultura, dos homens que a geraram, e ainda, consideram traços de expressividade promovendo conteúdos semânticos capazes de transpor sentimentos e emoções que, por vezes, determinadas palavras não dão conta de expressar. Elas retratam crenças, ensinamentos, sabedoria, moral, costumes e são utilizadas de forma que não podem ser analisadas apenas pela sua estrutura ou somente pelo seu sentido, mas sim, pela realização entre ambos (ALVAREZ, 2011).

Para Alvarez (2011), as EI podem ser definidas como

[...] unidades sintáticas e semânticas. Elas formam uma estrutura sintagmática complexa que resulta numa unidade lexical conotativa e se refere a uma realidade específica com um sentido particular. O significado dela resultante independe do significado dos lexemas isolados que a compõem. [...] Sua extensão de sentido é metafórica e o que mantém a unidade lexical é o todo significativo. (ALVAREZ, 2011, p. 123-124).

Sendo as EIs parte de uma determinada língua e cultura, o usuário da língua as utiliza para dar conta do que a linguagem convencional e denotativa não consegue alcançar. Dessa forma, as EI podem, em um texto oral ou escrito, através de seus sentidos metafóricos, simplificar a complexidade de uma argumentação, dotar de uma carga expressiva sinalizada por sentimentos como ironia, admiração, espanto, entusiasmo, comoção, dar força ou sutileza, enfatizar a intensidade dos sentimentos de alguém, etc. (ALVAREZ, 2011).

Como este estudo está pautado em discutir a tradução de EI focando em seus elementos culturais, aliados nesta pesquisa pela linguagem cotidiana presente no gênero textual/discursivo tirinha da personagem Mafalda, nosso foco está ainda em refletir sobre tais elementos conjugados com as contribuições da teoria de tradução funcionalista de Nord (2010a), abordada a seguir.

4 Alguns preceitos de Christiane Nord: a teoria de Tradução Funcionalista

Quando nos deparamos com uma música que gostamos em língua estrangeira ou uma tarefa em outro idioma, no contexto escolar, podemos ficar curiosos com o

significado e a mensagem que elas nos transmitem, nos colocando frente a uma tarefa de tradução. Para conseguir entender tal mensagem, usamos algumas alternativas, principalmente buscando significados nos dicionários e nas gramáticas tradicionais. Todavia, essas ferramentas não oferecem o suporte necessário e tampouco informações suficientes ou adequadas para dar conta dos vários desafios de tradução que possam surgir, principalmente a interferência de características de estilo ou de gênero, além do uso de termos técnicos da língua/cultura envolvida (NORD, 2010a).

Além da falta de ferramentas adequadas no auxílio ao processo de tradução em sala de aula e no nosso dia a dia, percebemos a ausência de reflexão acerca da ferramenta tradutória. Com essa lacuna, estudiosos se depararam com a tarefa de discutir e apontar elementos relevantes no que diz respeito aos propósitos de tradução. Nesse sentido, a teórica alemã Christiane Nord (2010a), sob a ótica funcionalista, afirma que é necessário observar os elementos culturais no processo de tradução, para além dos elementos linguísticos, pois aqueles serão determinantes para o êxito na comunicação. O propósito comunicativo, defendido pela teoria funcionalista de tradução também está ancorado na teoria do Escopo, ou *Skopostheorie* (do grego *skopos*: propósito) de Vermeer (1986), que tem como foco eliminar as hipóteses de que uma verdadeira tradução só ocorre a partir de elementos linguísticos únicos e corretos, utilizando dicionários e gramáticas e praticando a tradução de forma mecânica e literal, buscando a equivalência binária, ou seja, a substituição de uma palavra por outra palavra.

Outro elemento chave que esta teoria de tradução engloba é a possibilidade de refletir acerca de uma comunicação intercultural, partindo do pressuposto que o Texto Fonte (TF) - o texto de origem - e o Texto Meta (TM) - texto traduzido - estão inseridos em culturas distintas. Dessa forma, a tradução funcionalista compreende que, além de elementos linguísticos, uma tradução faz a ponte entre língua e cultura envolvidas (NORD, 2010a). Para isso, é necessário que o tradutor tenha conhecimentos que ultrapassem a barreira linguística, tornando o destinatário e a intenção emissora como protagonistas do processo tradutório. Ainda, tais elementos devem aliar-se ao contexto cultural no qual o texto foi elaborado, e não apenas fazer uso de instrumentos como os dicionários e gramáticas em uma prática puramente mecânica.

Além das barreiras linguísticas e culturais, Nord coloca em pauta novas discussões e recortes sobre os conceitos de lealdade e fidelidade. A lealdade, dentro do campo tradutório, refere-se às pessoas: isto é, o tradutor deve respeitar a intenção comunicativa do emissor em seu processo tradutório, além de também considerar o destinatário de seu texto (NORD, 2010a). Nesse sentido, o conceito de lealdade se constitui em avaliar a função do TF e sua culturalidade intrínseca e inata voltando-se ao seu destinatário, não deixando o receptor do texto deslocado no momento da recepção, levando em consideração o proposto pelo autor do TF.

Dessa forma, o TF não pode ser tratado como um item sacralizado na hora da tradução e, sendo assim, os pressupostos de lealdade aqui descritos, se aliam aos do conceito de fidelidade. A fidelidade, por outro lado, “[...] é considerada uma relação mais ou menos técnica de semelhança entre dois textos” (NORD, 2016, p. 63). Ou seja, a fidelidade é avaliada de acordo com a articulação dessa lealdade e as escolhas tradutórias do tradutor.

Refletir sobre essas questões e acerca dos elementos até então destacados é tarefa primordial para que o TM cumpra, através dos diversos elementos culturais e linguísticos, o papel que propõe a tradução funcionalista: o propósito comunicativo. Para que esse propósito seja alcançado, a autora alemã cria um modelo de análise pré-tradutório no qual se leva em consideração uma série de fatores que compõem o período que antecede a tradução: os elementos extratextuais e os elementos intratextuais. Em síntese, fazem parte dos elementos de análise extratextuais: o emissor, a sua intenção, o receptor, o meio de circulação, o lugar e tempo, a função textual e o motivo. Os fatores internos ao texto, ou intratextuais, abordam o tema, o conteúdo, as pressuposições, a estruturação, elementos não-verbais e lexicais, além do efeito deste texto, a sintaxe utilizada e os elementos suprasegmentais presentes.

A partir deste modelo de análise proposto por Nord, a tradução passa a ser realizada não mais de forma mecânica, mas sim, de maneira consciente de todos os elementos que fazem parte daquele texto e ajudam a assegurar a comunicação, respeitando o autor do TF, o leitor do TM e os elementos linguísticos e culturais que estão mediando o gênero textual/discursivo a ser traduzido.

5 A tradução de Expressões Idiomáticas: dificuldades, estratégias e metodologia

As EIs podem ser determinantes culturais de uma língua que, quando transpassada a outra língua, podem ter uma formulação idêntica, semelhante ou de forma bastante distinta. Tais formulações e alterações tentam dar conta de visões de mundo diferentes, respeitando as especificidades culturais, sociais e linguísticas de cada povo. Nesse contexto, elas perpassam a barreira linguística e recorrem a elementos extralinguísticos para buscar sua completude. Como estão presentes na linguagem cotidiana de uma determinada cultura, reconhecer o significado de uma EI requer dos interlocutores interpretações possíveis a partir da intenção comunicativa, bem como elementos culturais expostos e impostos, isto é, conhecimentos culturais compartilhados.

Através das tirinhas e argumentos teóricos apresentados até este momento, podemos perceber inúmeros desafios na tradução, principalmente quando relacionados a EIs. Dessa forma, a tradução se torna uma ferramenta essencial para um bom entendimento e interpretação, já que, ao traduzir EIs, o tradutor deve considerar a especificidade de cada língua, de cada tipo de texto, mas também as especificidades de cada povo, os seus usos e costumes, e principalmente, a sua expressividade (ALVAREZ, 2011).

Considerando ainda que neste estudo há um cotejamento entre o espanhol e o português brasileiro, acrescenta-se o desafio de ambas serem duas línguas irmãs neolatinas que apresentam várias semelhanças entre si e se parecerem nos níveis morfológico, sintático, semântico e pragmático. Tais semelhanças, todavia, nem sempre representam uma facilidade para os tradutores, podendo apresentar diversos entraves na tentativa de criar um limite entre uma língua e outra. A tradução de diferentes elementos linguísticos e culturais, como as EIs, podem passar a ser verdadeiras emboscadas já que, dadas as inúmeras singularidades linguísticas inerentes de cada língua, a busca incessante de correspondentes ideais para as EIs torna-se uma tarefa difícil e até mesmo impossível, em alguns casos (ALVAREZ, 2011).

Além da pertinência da reflexão frente a duas línguas irmãs e ao processo tradutório que uma EI requer, percebemos que existem alguns cenários tradutórios ao traduzir uma EI, como aponta Baker (1992) à luz de Hatje-Faggion (2011, p. 129): (a) uma EI não possui equivalentes na língua de chegada; (b) uma EI possui um similar na língua de chegada, mas o contexto de uso pode ser diferente; e (c) uma EI pode ser usada no texto de partida tanto no sentido literal quanto idiomático ao mesmo tempo.

Com base em tais dificuldades, reflexões e possíveis problemas no momento da tradução, Hatje-Faggion (2011, p. 130-131) retoma novamente as ideias de Baker (1992) que sugere optar por uma das seguintes estratégias para traduzir EIs: (a) Uma EI com significado e forma semelhante; (b) Uma EI com significado semelhante, mas com uma forma diferente; (c) Paráfrase; (d) Omissão.

Frente a essas dificuldades e possíveis estratégias para a tradução de EI, este artigo parte da análise tradutória de tirinhas que contém EI da língua espanhola para a língua portuguesa presentes na obra *Toda Mafalda*. Num primeiro momento selecionamos todas as tirinhas que faziam uso de EI da obra *Toda Mafalda* em língua espanhola, totalizando o número de 53, sendo que houve casos de repetição de EI. A fim de recortar e diminuir esse número de tirinhas para viabilizar a discussão dos dados analisados, criamos alguns critérios para chegar ao número de 5 tirinhas: (i) o contexto cultural que envolve e tematiza as tirinhas a partir das EIs, bem como (ii) a presença de elementos característicos do gênero textual/discursivo em questão, o humor e/ou a ironia; além do (iii) propósito comunicativo presente nas tiras e ampliadas através da ótica da tradução funcionalista.

Para tal análise foi considerada a presença dos seguintes elementos: o gênero textual/discursivo tirinha e seus elementos de humor e ironia; os elementos culturais impressos na obra *Toda Mafalda*, especificamente nas EI encontradas; além da tradução da LP para a LC. Também consideramos as reflexões acerca dos recursos de fidelidade, igualdade e equivalência, e os elementos intra e extratextuais, ancorados em Nord (2010a).

5.1 Análises tradutórias de EI nas tirinhas da *Mafalda*

A primeira tirinha analisada (Fig. 5), se contextualiza pela conversa entre Mafalda e Felipe sobre um brinquedo que o garoto viu na televisão. O personagem de Felipe se caracteriza pela inocência e pela imaginação do mundo da fantasia que uma criança explora.

Figura 5: Tirinha 5 - Mafalda em espanhol – *no es oro todo lo que reluce*.



Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição argentina, 2013, p. 363.

A conversa ocorre a partir do desabafo de Felipe, dizendo que o brinquedo de montar que tinha em mãos era uma idiotice e não tão bom quanto tinha visto no comercial na TV, já que através da publicidade o produto parecia ser muito mais interessante do que pessoalmente. Mafalda, sendo astuta, responde com uma famosa EI, chamada por ela de *refrán*: “*no es oro todo lo que reluce*”, querendo dizer que por vezes as aparências enganam: o ouro brilha como muitos metais, mas nem todos os metais que brilham são preciosos, ou seja, não devemos nos deixar impressionar pelo brilho das coisas, pois elas podem não valer muito. No segundo quadro da tirinha, Miguelito ouve a conversa e, no terceiro e último, o humor se faz presente e confirma o sentido produzido pela EI, já que pela exclamação do personagem, a interação com o leitor e também a organização da tirinha permitem isso: para ele só falta dizerem que o sol é uma *baratija*, que tem o sentido de objeto barato e de pouco valor.

O personagem Miguelito tem como características a preocupação consigo mesmo e com coisas superficiais da vida, gerando debates que para ele são importantes. Neste caso, através de sua fala no último quadrinho, percebemos sua personalidade colaborando para os sentidos impressos na tirinha e, ainda, aliadas a EI utilizada pelo autor.

Na tirinha 6 (Fig. 6) apresentamos a tradução para a língua portuguesa em que podemos perceber a escolha de estratégias tradutórias, como apontado anteriormente, para suprir a necessidade de interação e comunicação perante uma nova língua e um novo sistema cultural. A EI *no es oro todo lo que reluce* tem estrutura e significado equivalente em língua portuguesa, como apontada por umas das estratégias de tradução de Baker (1992), em que a EI possui uma referência na língua para que se está traduzindo, e se apresenta para dar conta dos sentidos no espaço cultural do português brasileiro. Nesse caso, a tradução é – “nem tudo que reluz é ouro” -, tendo apenas como diferença a ordem sintática da oração.

Figura 6: Tirinha 6 - Mafalda em português – nem tudo o que reluz é ouro.



Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição brasileira, 2006, p. 222.

O conhecimento compartilhado, apontado por Nord (2010a) e utilizado através do uso da língua e, especialmente nesse caso através das EIs, se faz presente nas tirinhas analisadas, tanto na LP como na LC. Apesar da EI ter uma tradução possível para a LC, percebemos a mudança e adequação sintática da EI e que faz parte do processo avaliativo antes de uma tradução funcionalista. Se tal tarefa não fosse efetuada com a reflexão e adaptação necessária, avaliando apenas as estruturas, tanto nos níveis do léxico, sintático e estilístico, a tirinha traduzida para a língua portuguesa correria perigo

e não lograria êxito frente às funções e aos elementos culturais de seus receptores falantes do português brasileiro. Adaptando, mesmo de forma sintática, a tradução efetuada nesta tirinha, “*no es oro todo lo que reluce*” para – “nem tudo que reluz é ouro” -, cumpriu com as normas e convenções comunicativas dessa cultura (NORD, 2010a).

Apontamos ainda para a tradução da palavra *baratija* que, em sua versão em língua portuguesa também cumpre a tarefa de uma tradução funcionalista e comunicativa assim como o debate proposto pela teoria de Nord. Na versão analisada, o adjetivo em destaque foi traduzido para bijuteria, vocábulo aceito pelos falantes da LC da tirinha e ainda colabora com a proposta enunciativa, conotativa e humorística que o TF propunha.

Na tirinha 7 (Fig. 7) há um diálogo entre as amigas com personalidades completamente diferentes, Susanita e Mafalda. Na discussão entre as duas, Susanita diz a Mafalda que gostaria de pertencer à sociedade, ser alguém com sobrenome. Mafalda a repreende dizendo que todos os cidadãos pertencem à sociedade e sobrenome todos têm. O desfecho da tirinha acontece nos dois últimos quadrinhos quando Susanita refere-se às pessoas que têm “*El sartén por el mango*”.

A ironia utilizada pela amiga deixa Mafalda envergonhada e, ainda, a EI empregada torna os sentimentos produzidos por Mafalda evidentes quando interpretamos o conjunto estrutural da tira: elementos verbais e não verbais, estrutura do gênero tirinha e a culturalidade impressa através da linguagem utilizada.

A EI encontrada na tirinha 7 tem como significado, segundo a antologia de ditos espanhóis, “[...] ser o dono da situação; ter o poder; conduzir situações diversas²” (SUSAETA, 2002, p. 277, tradução nossa). De fato, o significado proposto pela EI utilizada na tirinha em destaque, faz produzir sentidos ambivalentes que se adequam às atitudes das personagens interagentes. Não há compatibilidade em uma tradução sem o conhecimento da língua espanhola, já que a EI faz parte do contexto cultural da Argentina da década de 1950 e ainda é utilizada nos dias atuais.

² *Ser dueño de la situación, tener el poder, manejar las situaciones.*

Figura 7: Tirinha 7 - Mafalda em espanhol – *la sartén por el mango*.



Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição argentina, 2013, p. 592.

Se a EI encontrada na tirinha tivesse uma tradução puramente gramatical e focada somente em seu léxico poderíamos ter o grave problema em transpassar ao público alvo da versão brasileira propostas como: Ter a frigideira e o cabo ou Ter a frigideira e a manga (fruta). No entanto, o tradutor optou por usar uma EI considerada equivalente em seu campo semântico: ter a faca e o queijo na mão, como vemos na tirinha 8 (Fig. 8).

Figura 8: Tirinha 8- Mafalda em português – ter a faca e o queijo na mão.



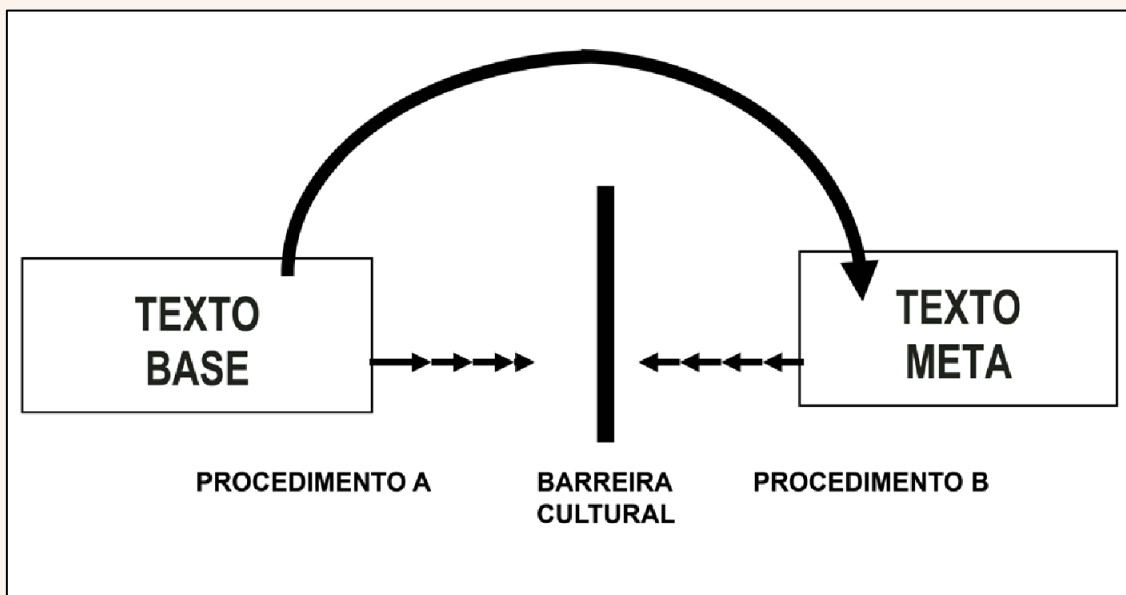
Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição brasileira, 2006, p. 364.

A tradução para ter a faca e o queijo na mão não produz apenas o sentido apontado anteriormente de ter poder ou ser o dono de determinada situação. Quando trazida à LC, a EI utilizada para suprir a demanda comunicativa aponta elementos a mais em seu nível de interpretação: quem tem a faca e o queijo na mão são as pessoas que têm oportunidades na vida, essas nem sempre propostas por esforço individual, mas sim por ter um sobrenome de prestígio ou pertencer a uma categoria social maior. Quando se opta por uma tradução como tal, percebemos que, além dos sentidos

conotativos e metafóricos que a EI em destaque propõe, há uma barreira cultural presente através da linguagem utilizada entre as duas línguas, principalmente através do uso da EI, se dissolve.

Nord (2010a) aponta que nem sempre a barreira cultural presente entre duas línguas é levada em consideração no processo tradutório. Por muitas vezes, o tradutor opta em saltar essa barreira, sem levar em consideração o TB, tampouco o TM, podendo causar sérios riscos de comunicação a partir de sua tradução para uma nova língua. Tal salto advém de uma aproximação, por parte do tradutor, do TB, quando se acerca muito de seu original; ou do TM, quando precisa decidir o quanto do TB pode abrir mão, a fim de proporcionar uma proximidade ao público alvo do novo texto (Fig. 9).

Figura 9: a barreira cultural e o processo de tradução



Fonte: NORD, 2010a, p. 10.

Retornando às tirinhas 7 e 8 (Fig. 7 e 8), percebemos que o tradutor fez o salto da barreira linguística, porém, sem deixar de estreitar o laço entre TF e TM através de uma ponte entre objetivo comunicativo e funcional: ao optar por uma EI na LC, houve, além da tradução linguística necessária, a busca por elementos culturais de tal LC.

O mesmo ocorre na tirinha 9 (Fig. 10) e sua tradução (Fig. 11), tirinha 10. Miguelito, nos quadrinhos de um a cinco, passa a conversar com um adulto que não tem

seu rosto revelado. A conversa entre os dois tem um nível hierárquico e o garoto é tratado como *ser humano em desenvolvimento* e, assim, passa a receber ordens do adulto. No desfecho final, ou seja, no último quadro da tira, ele conta a Mafalda, de forma irônica, que tudo não passou de um sonho, mas que eles – crianças ou *seres humanos em desenvolvimento* – continuavam sendo tratados sem respeito: como “*el último orejón del tarro*”.

Figura 10: Tirinha 9 - Mafalda em espanhol – *el último orejón del tarro*.



Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição argentina, 2013, p. 640.

A EI utilizada no último quadrinho possui a seguinte definição: se sentir ignorado, sem que ninguém o repare. Segundo a antologia de ditos espanhóis, “O *orejón* - pedaço de pêssego ou outra fruta seca - que costumavam ser mantidos em frascos de boca estreita, em que o último pedaço deixado fica difícil de retirar com as mãos³” (SUSAETA, 2002, p. 262, tradução nossa).

Em sua versão traduzida, a tirinha 10 (Fig. 11), temos a EI traduzida para *rapa do tacho*.

Figura 11: Tirinha 10 - Mafalda em português – *rapa do tacho*.

³ *El orejón* – un trozo de melocotón u otra fruta desecada – solía guardarse en tarros de boca estrecha, por el que el ultimo que quedaba era difícil de sacar con las manos.



Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição brasileira, 2006, p. 393.

Com semelhança às tirinhas 9 e 10, em que houve uma tradução de EI de forma parecida, tanto na produção de sentido quanto na sua formação sintática e de léxico, a tradução da tirinha 11 para a tirinha 12 também se caracteriza pelas mesmas estratégias tradutórias tendo como tradução uma expressão que se conhece na LC. A tirinha 11 tem como protagonistas os personagens de Susanita, caracterizada pelo instinto maternal e de dona de casa, por vezes egoísta, mandona, invejosa e caprichosa; e Miguelito que, especialmente nesta tira, apresenta seu lado preguiçoso, esperando que as coisas aconteçam sem seu esforço ou preocupação.

Figura 12: Tirinha 11 - Mafalda em espanhol – *crea fama y échate a dormir*.



Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição argentina, 2013, p. 189.

O diálogo acontece entre as duas crianças quando Susanita encontra Miguelito deitado no que parece ser a calçada de uma rua, embaixo de uma árvore. Com seu instinto maternal, a menina pergunta ao amigo se ele está doente. No segundo quadrinho Miguelito diz que não e, na sequência, o menino questiona Susanita utilizando uma EI para explicar sua situação: “*crea fama y échate a dormir*”. Susanita diz que conhece a

EI e então o humor e ironia característicos do gênero textual/discursivo tirinha se fazem presentes no último quadrinho: o menino diz deixar para mais tarde a conquista pela fama e no momento ele está preocupado apenas com dormir e descansar.

A EI utilizada na tirinha 11, “*crea fama y échate a dormir*”, tem como significado a seguinte descrição: “[...] quando alguém é conhecido por determinada característica que o identifica, se torna difícil livrar-se de tal⁴” (SUSAETA, 2002, p. 64, tradução nossa). Através deste contexto, podemos interpretar que Miguelito não está preocupado em construir uma determinada fama ou exaltar uma característica que tenha: ele está apenas preocupado em dormir. Todavia, apesar de percebermos isso na fala do personagem, podemos interpretar a expressão facial da menina Susanita no último quadrinho: o menino já criou uma fama escolhendo o descanso, sendo que a característica de preguiça e de que as coisas virão de maneira fácil identificam o garoto.

Ampliando o significado para esta EI, percebemos que ela consiste no julgamento de determinada pessoa, a partir de suas qualidades e defeitos, e, posto isso, não se pode mudar tal julgamento de valores, já que, uma vez reconhecida a fama, não se pode alterá-la. Ou seja, se pode dormir e acordar que a fama já foi criada.

Na tirinha 12 (Fig. 13) apresentamos a tradução da tirinha 11 para a língua portuguesa:

Figura 13: Tirinha 12 - Mafalda em português – cria fama e deita na cama.



Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição brasileira, 2006, p. 115.

Através da leitura e comparação entre TF e TM das tirinhas 11 e 12, podemos perceber que, apesar da EI na LC produzir sentido ao público alvo da tirinha, existem

⁴ Cuando alguien es conocido por una característica que lo identifica, es difícil librarse de ella.

algumas variedades para a tradução dessa EI e que poderiam ter sido adaptadas, como “*quem tem fama, deita na cama*”, ou ainda, “*faz a fama e deita na cama*”. A opção de tradução da tirinha 12 quanto as opções recém citadas supririam a necessidade comunicativa necessária, compactuando com os apontamentos de Nord (2010a), já que as possíveis lacunas de informação que podem se fazer presentes no TP, podem ser recheadas pelo tradutor/intérprete, de acordo com a sua bagagem cultural e geral.

Diferentemente das tirinhas apresentadas anteriormente, a tirinha 13 (Fig. 14) tem como protagonistas a menina Mafalda e um adulto, seu pai. Preocupado em manter as economias do lar e com a idade que vem chegando, o pai de Mafalda, por vezes, se vê contrariado e envergonhado perante a filha que tanto conhece e critica o mundo. Com 5 quadrinhos, a tirinha em destaque conta com a presença massiva de elementos não verbais, caracterizando o gênero textual/discursivo em questão e, que ainda, colaboram na interpretação humorística da tira.

Figura 14: Tirinha 13 - Mafalda em espanhol – *mala ceja*.



Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição argentina, 2013, p. 365.

Do primeiro ao quarto quadrinho temos Mafalda tomando seu café da manhã e seu pai lendo o jornal. O patriarca, preocupado com as situações que adentram o mundo, lê o jornal antes de partir para o trabalho, já que a televisão era apenas mais um aparelho de comunicação e não tinha a popularidade na época como tem nos dias atuais.

A leitura do folhetim diário pelo pai de Mafalda, através da passagem dos quadrinhos, se aliam às expressões faciais do jovem homem: suas sobrancelhas e expressões corporais se alteram frente às notícias que lê ao decorrer das páginas folheadas. Mafalda, após observá-lo, dá o desfecho final no último quadrinho da tirinha

dizendo que a situação vai melhorar e que o pai não deve “*hacerse mala ceja*”, que significa que não deve se preocupar. O pai abaixa o jornal configurando uma expressão facial atônita, surpreendendo-se com a afirmação e intervenção da filha. Nesta tirinha vemos um jogo linguístico com a palavra *ceja* (em português: sobancelha). É a partir das sobancelhas do pai, de acordo com as reações ao ler o jornal, que Mafalda percebe que este está muito preocupado, assustado, com raiva. Mafalda, de maneira muito inteligente, escolhe uma EI que consegue dar conta de seu objetivo e ainda faz relação às expressões do pai, protagonizadas pelas sobancelhas.

Figura 15: Tirinha 14 - Mafalda em português – não faça essa cara.



Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição brasileira, 2006, p. 223.

A tirinha 14 (Fig. 15) apresenta a tradução para a língua portuguesa. Apesar de ser uma tirinha com apenas um quadrinho que possui um balão com elementos verbais, podemos perceber que as opções tradutórias para a EI “*Mala Ceja*”, se alinham aos elementos não verbais, implícitos nos quadrinhos anteriores. A opção de tradução foi “não faça essa cara”. Nesse caso, a EI em espanhol, se traduzida sem a reflexão necessária, de forma literal, tem como resultado má sobancelha. De fato, tal conjunto de palavras não forma uma EI e tampouco é utilizada na língua portuguesa. Conforme apontado anteriormente, algumas dificuldades em traduzir EI se apresentam no momento fatídico da tarefa tradutória. Para este caso específico, a EI não possui equivalente na língua de chegada e, como opção de tradução foi utilizada a paráfrase como estratégia comunicativa no contato entre o público alvo e a tirinha em destaque.

A estratégia de tradução adotada para a EI “*Mala ceja*”, segundo Nord (2010a), se adequa ao público alvo da LC, já que tal público não está consciente – ou não - de

que está lendo uma tradução porque o texto traduzido deve ser funcional frente à cultura em que estão inseridos. A competência textual em que o tradutor se insere ao efetuar a tradução faz parte de um propósito comunicativo e, indiferente do texto que for, ele deve estar incluso na cultura do público alvo. Apesar da estratégia tradutória ter sido a de explicar a EI original, ainda é possível interpretá-la e não perde seu sentido dentro da tirinha.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo verificar como os elementos culturais presentes em EIs das tirinhas da obra do cartunista argentino Quino, *Toda Mafalda* (2013), foram traduzidos à língua portuguesa. Como amparo teórico tivemos as discussões sobre gêneros textuais/discursivos, com Marcuschi (2010) e Bakhtin (2010); elementos culturais e EI, com Ramos (2007), Costa-Hübes (2011) e Mendonça (2010); e Nord (2010a) explanando sobre a teoria de tradução funcionalista e dando suporte para o debate dos resultados encontrados, levando em consideração a estrutura do gênero em questão e as diferenças tradutórias, com foco na discussão da importância dos elementos culturais presentes nas EIs.

Como critério metodológico coletamos todas as tirinhas com EI da obra na LP. Através da observação da tradução da EI para a LC, a culturalidade e os entornos que tematizam as tirinhas a partir das EIs, a presença de elementos característicos do gênero textual/discursivo tirinha, e também a comunicação presente ampliada através da ótica da tradução funcionalista, selecionamos 5 tirinhas para uma análise tradutória. A partir das EIs presentes na obra argentina e traduzidas para a versão brasileira, elementos culturais que permeiam o gênero textual/discursivo tirinha, o seu contexto, o país de circulação e, principalmente, a tradução à língua portuguesa tornaram-se elementos chave de análise e foram levados em consideração na discussão dos dados encontrados.

No processo tradutório, além de dois sistemas linguísticos distintos existiu a necessidade de compreender da mesma forma o funcionamento de dois diferentes

sistemas culturais. A diferença entre esses dois sistemas culturais é ainda mais evidenciada quando ocorre o uso de EI dentro das tirinhas da *Mafalda*, neste caso específico, que apresenta elementos importantes da cultura de uma sociedade através da representação de contextos do cotidiano.

Para Nord (2010b), em algum momento o tradutor tem o dilema de decidir entre se orientar a partir do TB ou amparar-se na cultura meta. A partir deste ponto de vista teórico e também já apontado no decorrer do artigo, percebemos que, apesar de reconhecermos que elementos culturais são importantes e fazem parte do contexto diário nos mais diversos gêneros textuais/discursivos, tais fatores, quando analisados pela ótica das EIs, passam despercebidos dando margem, muitas vezes, a uma avaliação de língua sistêmica. Essa ótica e hipótese se confirmam no decorrer deste trabalho, já que, por vezes, as EIs analisadas foram traduzidas de forma ampla, ignorando uma tradução literal e puramente linguística, e que não tem a reflexão necessária, mas que, todavia, não ignoravam a fidelidade ao TB. Ainda segundo Nord (2010c), p. 254, tradução nossa), “[...] a decisão de bem conservar as funções trocando as estruturas ou bem conservar as estruturas trocando as funções depende do projeto da tradução⁵”. Nesse trabalho, podemos perceber essa iniciativa por parte das traduções feitas da língua espanhola para a língua portuguesa, já que, em determinados casos, se refletiu acerca da funcionalidade comunicativa das EIs contextualizadas junto a cultura do público alvo, sem ignorar os sentidos originais presentes e a serem transpassados com o fim de preservar o humor e a ironia, bem como outros itens do gênero textual/discursivo tirinha.

Além disso, outro elemento que pautou esta pesquisa, se relaciona com o propósito comunicativo em que o gênero textual/discursivo tirinha está inserido. Através das EIs utilizadas neste gênero textual/discursivo, podemos perceber como os elementos culturais e linguísticos se apresentam em situações de humor e ironia, e também através da interação com o leitor, por exemplo. Ademais a esses elementos, a hipótese firmada ao início deste artigo se confirma já que, realmente, as traduções das EIs encontradas nas tirinhas analisadas foram efetuadas de maneira funcional, o que

⁵ *La decisión de bien conservar las funciones cambiando las estructuras o bien conservar las estructuras cambiando las funciones depende del encargo de traducción.*

pode tornar o material rico para ser trabalhado em sala de aula de LE. Podemos ver essa possibilidade, pois, a partir das várias estratégias para o ensino de línguas estrangeiras que ocuparam a história da tradução como ferramenta pedagógica – como, por exemplo, o Método Gramática Tradução, o Método Audiolingual e o Método Direto - com o passar das décadas, não deram conta dos inúmeros fatores para que se alcançasse um produto tradutório satisfatório.

Com este artigo, com os apontamentos teóricos abordados, além do cotejamento de tirinhas apresentados sob a ótica da tradução, podemos afirmar que elementos culturais podem ser abordados na mesma importância que os elementos linguísticos, principalmente quando falamos de ensino e aprendizagem de uma nova língua. A ferramenta tradutória, quando bem orientada pode tornar-se uma grande aliada nesse processo, levando em consideração que o estudante recorre à tradução como forma de confirmar o seu aprendizado. Posto isso, a tradução pedagógica pode ser um caminho para desmistificar a visão da equivalência binária e também demonstrar aos alunos que língua e cultura são duas caras de uma mesma moeda.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, Francis H. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. In: *Revista de Estudos Orientais*, n.5, p. 23-36, 2006.
- ALVAREZ, Maria Luiza Ortiz. Traduzir uma expressão idiomática não é quebrar galho, é descascar um abacaxi. In: BELL-SANTOS, Cynthia Ann; ROSCOE-BESSA, Cristiane; HATJE-FAGGION, Válmí; SOUSA, Germana Henriques Pereira. *Tradução e cultura*. Rio de Janeiro: 7letras, 2011. P. 121-140.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- COSTA, Sérgio Ribeiro. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 124-128.
- COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. As marcas da interação determinadas pelo mundo discursivo: reflexões sobre o gênero história em quadrinhos. In: BORSTEL, Clarice Nadir Von. COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. *Linguagem, Cultura e Ensino*. Cascavel: Edunioeste, 2011, p. 171-186.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A (11ª edição) 2006, 102 páginas.

HATJE-FAGGION, Váلمي. Tradutores em caminhos interculturais – a tradução de palavras culturalmente determinas. In: BELL-SANTOS, Cynthia Ann; ROSCOE-BESSA, Cristiane; HATJE-FAGGION, Váلمي; SOUSA, Germana Henriques Pereira. *Tradução e cultura*. Rio de Janeiro: 7letras, 2011. p. 73-88.

LAIÑO, Maria José. *Multiculturalismo: propostas de recontextualizações de fatos culturais na tradução de textos em livros didáticos*. (Dissertação de mestrado). Florianópolis: UFSC, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais e Ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-38.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais e Ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 209-224.

NORD, Christiane. *Texto base – texto meta*. Un modelo funcional de análisis pretraslativo. Heidelberg [s.n.], 2010a.

_____. La intertextualidad como herramienta en el proceso de traducción. In: *Puentes*, Granada, n. 9, p. 9-18, março 2010b.

_____. Las funciones comunicativas en el proceso de traducción: un modelo cuatrifuncional. Em: *Núcleo*. nº. 27. 2010c.

_____. *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*. (coordenação da tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipser). São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

QUINO. *Toda Mafalda*. Tradução de Andrea Stahel M. da Silva e outros. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Toda Mafalda*. 24. ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2013.

RAMOS, Paulo Eduardo. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. 2007. 224 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SUSAETA, Equipo. *Del Dicho al Hecho: Antología de Frases Hechas y Dichos Españoles*. Madrid: Susaeta Ediciones S.A, 2002.

VERMEER, Hans J. *Esboço de uma teoria da tradução*. Edições Asa: Lisboa, 1986.

Recebimento: 20/07/2018

Aceite: 02/09/2018